



**A Ação do Coordenador
Pedagógico no
Fortalecimento do Trabalho
Coletivo: nas entrelinhas do
fazer pedagógico**

*Rhebecca Samilly Tinoco Barreto
Veronica Oliveira dos Santos*

9

Resumo: O presente trabalho é fruto de reflexões e observações desenvolvidas no Estágio Curricular Supervisionado vivenciado por duas licenciandas do curso Pedagogia no campo da Coordenação Pedagógica. Busca-se refletir sobre a importância do trabalho coletivo na escola e a ação do Coordenador para o fortalecimento da coletividade. O Estágio foi realizado em uma escola da rede municipal de ensino na cidade de Natal. Sendo assim, é uma pesquisa de caráter exploratório e participante, com a modalidade observação participante e, para obtenção dos dados, foram adotadas atividades como: questionário estruturado, observação e participação de reuniões; observação dos momentos de planejamento pedagógico. Assim, foi possível constatar a importância da atuação da Coordenação Pedagógica no trabalho coletivo na escola e a fundamentalidade do planejamento pedagógico para a articulação de uma equipe. Portanto, essa experiência suscitou diversas reflexões que convergiram para destacar o potencial dos coordenadores na ação para fortalecer o trabalho coletivo.

Palavras-chave: Coordenação Pedagógica; Trabalho Coletivo; Planejamento; Equipe escolar.

INTRODUÇÃO

O Estágio Curricular Supervisionado é um componente curricular fundamental nos cursos de formação de professores, que abre portas e possibilita momentos de articulação entre a teoria e a prática, desse modo, está atrelado à práxis docente, uma vez que se refere a uma atitude humana que atua em prol de transformação da sociedade (PIMENTA, 2011). Este ainda possibilita que os futuros educadores entrem em contato com campos, realidades com as quais irão se deparar, portanto, essencial e muito significativo no processo de construção da identidade profissional. Ou seja, conforme traz Buriolla (1999, p. 10 apud PIMENTA; LIMA, 2018, s/p): “o estágio é o lócus onde a identidade profissional é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve ser planejado gradativa e sistematicamente com essa finalidade.”.

Indubitavelmente, o Estágio é uma experiência constituída por ações nas quais os sujeitos assumem uma postura crítica e reflexiva a respeito do que se está sendo experienciado. É partindo desse olhar mais aguçado para compreender as dinâmicas do espaço vivencial que o futuro professor poderá desenvolver o pensamento mais investigativo e de análise da realidade. Essa postura é fundamental para um Estágio como Pesquisa. As autoras Pimenta e Lima (2018) afirmam que o Estágio realizado como forma de pesquisa é uma estratégia, um método que colabora para com o desenvolvimento e formação do professor. Assumir essa perspectiva do Estágio como um espaço de pesquisa implica analisar e refletir de maneira crítica sobre o contexto com o qual está se deparando e experienciando. Sendo assim, afirma Pimenta e Lima (2018, s/p): “A pesquisa no estágio, como método de

formação de futuros professores, traduz-se, de um lado, na mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos nos quais os estágios se realizam [...]”.

Nessa perspectiva, o presente trabalho refere-se às observações e reflexões desenvolvidas por duas licenciandas do curso de Pedagogia a partir da vivência do Estágio Curricular Supervisionado na área de Gestão escolar e Coordenação Pedagógica. A formação em pedagogia é bastante ampla e possibilita um extenso leque de possibilidades, sendo o pedagogo um profissional polivalente e formado para atuar em variadas instâncias (CALEGARI-FALCO; MOREIRA, 2017). Conforme discorre Libâneo (1999, p. 38): “O curso de Pedagogia deve formar o pedagogo *stricto sensu*, isto é, um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos.”, sendo, pois, um desses campos a Coordenação Pedagógica.

Nesse sentido, o Estágio foi realizado no campo anteriormente referido, em uma escola da rede municipal de ensino na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, a qual atende os alunos da etapa do ensino fundamental, do 1º ao 5º ano, além de uma turma da educação infantil, nível IV. A escola funciona nos dois turnos e contempla por volta de 450 estudantes matriculados. A atividade de Estágio consistiu em acompanhar, observar, contribuir e refletir sobre o trabalho do Coordenador Pedagógico, considerando inicialmente ser “uma atividade voltada essencialmente à organização, à compreensão e transformação da práxis docente, para fins coletivamente organizados e eticamente justificáveis.” (FRANCO, 2008, p. 120-121). Nas vivências durante o percorrer do Estágio foi possível conhecer mais de perto sobre a dinâmica das funções da Coordenadora acompanhada, refletindo sobre os fatores e situações que compõem essa atuação que foi possível identificar em campo.

Perante a participação durante o Estágio, foi possível perceber que a Coordenadora pedagógica esteve sempre muito aberta ao diálogo, a escuta atenta, buscando alcançar a coletividade e momentos de trocas de experiências entre a equipe. Nesse viés, esse texto tem como objetivo refletir sobre a importância do trabalho coletivo entre o corpo docente para o desenvolvimento de uma prática pedagógica que não seja limitada e isolada, mas que seja construída em conjunto com outros relatos e experiências dos demais atores que compõem a equipe escolar.

Dessa forma, para expor o processo e resultado da pesquisa o artigo foi organizado em quatro tópicos. O primeiro se trata do “Percurso metodológico” onde foi relatado, de forma breve, o caminho percorrido para efetivação da pesquisa. No segundo tópico, nomeado “Discussões e reflexões”, serão explanadas as questões identificadas através da problematização das categorias que foram elencadas pelas autoras, as quais se apresentam como subtópicos. Em seguida, será abordado o terceiro tópico que corresponde às “Considerações finais” do trabalho, onde são explicitadas as conclusões que foram alcançadas no processo da pesquisa. Por fim, no último tópico, que se trata das “Referências”, é divulgado as referências bibliográficas que embasaram a construção desse material.

PERCURSO METODOLÓGICO

O referido trabalho pode ser compreendido como uma pesquisa exploratória, uma vez que, de acordo com Gil (2010), dispõe como objetivo propiciar uma maior vinculação do pesquisador com o contexto o qual está sendo pesquisado, possibilitando o aprimoramento de ideias e a construção de hipóteses. Portanto, considerando o contexto e objetivos de vivência do Estágio Curricular Supervisionado, foi possível a realização de descobertas sobre o campo estudado por parte das pesquisadoras.

Nesse sentido, adotou-se ainda a modalidade de observação participante, a qual corresponde a um método de observação direta, com característica qualitativa, visando compreender os fenômenos do campo. Sendo assim, o pesquisador se insere no contexto pesquisado e acompanha as situações ao redor, participando ativamente na recolha dos dados (PERUZZO, 2017; MÓNICO et al., 2017).

Desse modo, os dados foram coletados durante o decorrer do Estágio, o qual ocorreu durante o período de 08 de novembro de 2021 a 22 de janeiro de 2022, sendo resultado de atividades como: acompanhamento da rotina da Coordenadora Pedagógica durante dois dias na semana, observação e participação de reuniões com as professoras e a gestora pedagógica; dos momentos de planejamento individuais e coletivos; de visitas às salas de aula e acompanhamento do intervalo das crianças. Além disso, foi aplicado com a Coordenadora um questionário estruturado com questões relacionadas às experiências pessoais e profissionais, relacionadas à Coordenação, bem como sobre as atividades da própria Coordenação da escola. As atividades referidas foram registradas em um diário de campo.

Sendo assim, considerando o campo de Estágio como um espaço de investigação, com atitudes de observação e reflexão, a motivação da pesquisa centrou-se em refletir sobre alguns fatores considerados como fundamentais pelas licenciandas no trabalho do Coordenador Pedagógico para o fortalecimento do coletivo, elencados em categorias construídas *a posteriori*: **comunicação e o diálogo; resolução de conflitos; a importância de conhecer o contexto geral escolar; e, por último, a articulação da coletividade no planejamento docente.** Os dados foram analisados qualitativamente considerando referenciais teóricos trabalhados, como Paulo Freire (2019); Myrtes Alonso (2002); José Cerchi Fusari (1992); Laura Noemi Chaluh (2010); Izabel Maria Sabino Farias (2008).

DISCUSSÕES E REFLEXÕES

Entendendo que as atividades humanas são organizadas e se efetivam a partir das interações na sociedade, o fazer pedagógico não é diferente. Pelo contrário, como afirma Alonso (2002, s/p), “o trabalho educativo, mais que qualquer outro, é construído por uma ação conjunta dos vários personagens que atuam nesse processo.” Diante disso, é evidente que a vivência em sala de aula é coletiva, pois o professor não está sozinho, assim como uma

sala de aula não está isolada do contexto mais amplo da unidade escolar. Desse modo, fica perceptível que é necessária uma organização coletiva muito bem elaborada na escola como um todo para garantir que o aprendizado seja construído de forma significativa para comunidade escolar. Assim, a figura do Coordenador, que nas suas funções ocupa um papel de liderança, é extremamente importante, pois sua ação, que indiscutivelmente jamais será neutra, poderá atuar no sentido de fortalecer essa ação coletiva entre os sujeitos da escola.

Nesse sentido, alguns fatores nos chamaram a atenção, a partir da vivência do Estágio na Coordenação Pedagógica, que concordamos que são muito importantes para o trabalho coletivo e que perpassa o fazer do Coordenador Pedagógico no intuito de colaborar com esse movimento do fortalecimento do coletivo no espaço da escola. São eles: comunicação e o diálogo; resolução de conflitos; a importância de conhecer o contexto geral escolar; e, por último, a articulação da coletividade no planejamento docente.

Comunicação e o Diálogo

O primeiro fator aqui ressaltado é a comunicação e o diálogo, pois, se um grupo não consegue desenvolver uma comunicação eficaz, toda a continuidade das relações será prejudicada, dessa maneira percebemos o quanto a comunicação que o Coordenador Pedagógico desenvolve com a equipe de professores é importante para o desenvolvimento do trabalho. O diálogo precisa ser muito claro, não no sentido de impor uma decisão, mas de se fazer entender sem limitar o espaço do outro de responder, pois não há como desenvolver um trabalho coletivo se não existir um diálogo e uma troca. Como de forma muito perspicaz foi apontado por Paulo Freire (2019):

A co-laboração, como característica da ação dialógica, que não pode dar-se a não ser entre sujeitos, ainda que tenham níveis distintos de de função, portanto, de responsabilidade, somente pode realizar-se na comunicação. [...] O diálogo não impõe, não maneja, não domestica [...]. (p. 228).

No cotidiano do estágio, a importância desse diálogo foi muito presente, por exemplo, nos momentos dos planejamentos pedagógicos, nos quais a Coordenação precisava levar para os professores as demandas gerais da gestão/escola, mas também necessitava escutar e pensar a respeito das demandas que os professores também traziam da sua realidade de sala de aula, que ora coincidiam com as questões mais amplas e ora divergiam para uma situação muito particular. Essa comunicação foi um dos principais meios que identificamos como mecanismo para o fortalecimento do trabalho coletivo, pois uma questão pontual de uma sala de aula problematizada nesta comunicação poderia se tornar uma questão que envolvia o coletivo e exigia respostas coletivas. No entanto é importante destacar que essas relações não ocorriam de forma homogênea, afinal os sujeitos são diversos. Desse modo,

os conflitos e as divergências são fatores presentes na rotina da escola.

Resolução de Conflitos

Considerando que conflitos são comuns em qualquer relação, em uma equipe pedagógica não é diferente, assim sendo, esses conflitos são frequentemente levados à Coordenação, tornando-se outro fator na ação do Coordenador Pedagógico importante para efetivar o trabalho coletivo: a articulação na resolução de conflitos. Como já mencionado, o ambiente escolar é formado por numerosas e diversificadas pessoas, com experiências e pensamentos distintos, ou seja, existem diferenças entre elas, o que acaba possibilitando o surgimento de conflitos. Entretanto, a presença das divergências também é importante para o crescimento pessoal e profissional, pois a partir de diálogos os indivíduos podem expor suas opiniões, propiciando trocas. Nessa perspectiva, convém afirmar que:

Fazer um trabalho coletivo não implica apagar as diferenças entre os sujeitos envolvidos, muito pelo contrário. [...] O trabalho coletivo implica, por um lado, reafirmar as diferenças e, por outro, saber que, após esse trabalho, saímos diferentes do que éramos antes dele. (CHALUH, 2010, p. 221).

No entanto, os momentos conflituosos podem correr o risco de resultar em situações desagradáveis e até mesmo prejudicar as relações interpessoais. Desse modo, é necessário ressaltar a função que o Coordenador Pedagógico assume de articulação, pois é essencial que ele saiba mediar corretamente esses momentos. É preciso que ele tenha paciência, flexibilidade, saiba ouvir e manter uma ótima comunicação com os sujeitos. Ele precisa dar voz aos indivíduos, compreender o que está sendo posto em questão, quais as opiniões e/ou reivindicações, e saber mediar de maneira respeitosa, possibilitando momentos de escuta e de trocas, desenvolvendo então soluções através do diálogo e visando o bem comum.

Através das vivências do Estágio, percebemos que a Coordenação se empenhava na resolução dos conflitos. A exemplo, a gestão e Coordenação propuseram um projeto para o encerramento de um trabalho realizado no decorrer do período letivo. Porém, ele acabou gerando conflitos, pois a maioria da equipe de professores se mostrou resistente à realização. A partir disso, foram conversando a respeito, através de uma mediação bem articulada, até chegar a um consenso. Assim, é possível observar o quanto a comunicação é essencial para a resolução das divergências. Porém, para que isso aconteça, é fundamental que tanto a Coordenação quanto a Gestão garantam o direito da liberdade de expressão, a abertura para apresentar pontos de vista, pois “é importante lembrar que só existe lugar para o trabalho coletivo quando o ambiente é democrático e as pessoas não se sentem pressionadas ou ameaçadas ao expor suas idéias.” (ALONSO, 2002, sp). Portanto, esses conflitos, quando articulados e não apenas ignorados, podem apontar novos caminhos e elevar as práticas pedagógicas para outros cenários.

A importância de conhecer o contexto geral escolar

Defendemos que para que um trabalho coletivo consiga prevalecer de forma verdadeiramente efetiva, faz-se necessário que a comunidade tenha conhecimento do contexto geral que perpassa a escola. Não é possível desenvolver uma ação articulada se não conhecermos a realidade na qual estamos inseridos, logo percebemos o quanto o coordenador pedagógico pode ser um ator que incentiva essa articulação e compartilhando com o grupo as questões mais amplas que estão presentes na escola. Embora em nossos momentos de estágio tenhamos notado que a equipe escolar tenha abertura para conhecer os entraves que a escola enfrenta, isso ainda ocorre de maneira fragmentada e pontual.

Uma exigência do trabalho coletivo é a- ampla clareza que os educadores devem ter da situação da Unidade Escolar, de seus problemas, das causas desses problemas e do contexto no qual se manifestam. Esta clareza é uma capacidade a ser desenvolvida pelo corpo de profissionais que atuam numa determinada Escola. (FUSARI, 1992, p.70-71).

Acreditamos que uma organização qualificada do compartilhamento dessas informações e a possibilidade de proporcionar um momento rotineiro onde a equipe, de forma conjunta, pudesse pensar e opinar sobre as possíveis saídas seria enriquecedor para o fazer coletivo. Isso ajudaria a fortalecer os vínculos entre os sujeitos, envolver um maior número de pessoas na organização do trabalho e ampliar os espaços de participação coletiva. Contudo, é importante destacar que não podemos ser ingênuos em pensar que trabalhar em um grande grupo é algo fácil de articular e realizar de fato. O corpo da escola é formado por pessoas diversas, cada um com suas questões pessoais e características específicas, sendo assim requer uma sensibilidade extrema das lideranças, mas também um empenho individual e conscientização da importância da contribuição de cada um para a realização de um trabalho preocupado com a qualidade do ensino. A efetivação de trabalho coletivo articulado não ocorre apenas na espontaneidade, ao contrário requer um planejamento intenso.

A articulação da coletividade no planejamento docente

Qualquer trabalho pedagógico, para ser realizado de forma qualificada, requer uma preocupação em planejar as ações. Assim sendo, o trabalho do Coordenador Pedagógico não foge dessa prerrogativa, ainda mais quando visa fortalecer a ação coletiva em uma equipe. Sabemos e percebemos ao convivermos com os professores que os momentos de planejamento pedagógico nem sempre são bem-vistos, muitos enxergam essa tarefa como algo enfadonho e burocrático. É comum ouvir professores afirmando que sabem o que planejam fazer, que está “tudo na cabeça”, que não veem necessidade de passar para o papel, ou compartilhar com outros. Mas será realmente infundada a necessidade de colocar o planejamento no âmbito físico e/ou compartilhar esse planejamento com outros atores? Ainda assim, também se constata professores que acreditam na importância do planejamento

sistemático, contudo não enxergam momentos adequados para realizá-lo.

A partir da nossa experiência no processo de Estágio na Coordenação Pedagógica foi possível perceber o quanto é fundamental o planejamento docente não apenas para a ação “isolada” do professor em uma sala de aula, mas, sobretudo, para a articulação desses profissionais num âmbito maior, em um processo coletivo. O planejamento é uma ferramenta importante para enfrentar uma prática baseada em improvisos e assim organizar ações com objetivos claros e estratégias que caminhem em direção a esses objetivos. Mas, para isso, é preciso superar a visão do planejamento como “[...] mecanismo de padronização e controle do trabalho dos professores [...]”. (FARIAS, 2009, p. 105).

Nesse sentido, o planejamento do Coordenador Pedagógico pode ser essencial para a articulação dos professores e na superação dos estigmas negativos que o planejamento apresenta em alguns grupos. Afinal, o trabalho da Coordenação deve estar voltado para a equipe pedagógica, logo pressupõe articulação, coletividade, trabalho em equipe. Não significa que o Coordenador Pedagógico deve elaborar o planejamento e passá-lo adiante, ao contrário, acreditamos que para efetivar um trabalho coletivo eficaz é preciso envolver a equipe nesse planejamento. Envolver um grupo de professores na elaboração de um planejamento contribui para “[...] a defesa de um sentimento de corpo, de conjunto, de coesão, de compartilhamento de uma base teórica, de comunhão dos mesmos projetos de sociedade, de educação, de escola e de homem.” (FARIAS, 2009, p. 107).

Na realização do Estágio percebemos que uma das principais atividades da Coordenação era justamente acompanhar os planejamentos pedagógicos individuais e promover momentos de compartilhamento desses planejamentos em grupos. Contudo, diante da organização da rotina, na qual cada professor tem um dia da semana voltado para o planejamento, não era possível organizar todos os professores para discutir os planejamentos, geralmente as reuniões com a Coordenação envolviam dois professores simultaneamente. Assim sendo, percebemos que existe uma iniciativa de devolver um trabalho mais coletivo, articulado, contudo, os impasses do cotidiano se apresentam como grandes desafios. Nas reuniões envolvendo duas professoras já era possível notar resultados positivos dessa articulação, onde o planejamento de uma professora quando compartilhado se tornava fonte de inspiração para outra professora, elas próprias expressavam que não tinham pensado que poderiam fazer da forma que a outra estava expondo, ou que pretendia adaptar para fazer algo semelhante. A própria Coordenadora frequentemente dividia suas experiências como forma de demonstrar caminhos frente aos desafios das professoras. Isso provocava o processo de reflexão em conjunto, ou seja, esse momento de planejamento acabava por articular os profissionais para pensar junto às suas práticas.

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso”, e não o contrário. (FREIRE, 2022, p.85).

O planejamento realizado com um grupo maior de professores geralmente está consolidado na semana pedagógica que antecede o início do ano letivo nas escolas, mas a realização desse estágio não coincidiu com esse período. Ainda assim, se nos momentos de trocas entre dois sujeitos foi possível identificar vertentes positivas para o trabalho coletivo, podemos supor que as semanas pedagógicas caminhem no mesmo sentido.

Não obstante, consideramos fundamental ressaltar que o alcance positivo que o planejamento pode estar intrinsecamente associado à forma como ele é proposto e realizado. Reunir um grande número de professores para realizar um planejamento, seja de um evento pedagógico ou de atividades de sala de aula, não significa que está promovendo o fortalecimento da ação coletiva. É preciso, sobretudo possibilitar a participação efetiva de todos no processo do planejamento, ou seja, promover momentos para o planejamento coletivo, requer que o Coordenador planeje esses momentos.

Além disso, é importante destacar que o ato de planejar não é simples e não depende exclusivamente do Coordenador Pedagógico. Planejar coletivamente nas escolas requer condições objetivas que nem sempre estão presentes no cotidiano, como disponibilidade de tempo e espaço físico adequado. Isso precisa ser problematizado, pois não se pode planejar apenas no plano abstrato das ideias.

Portanto, fica perceptível que uma ação qualificada não acontece ao acaso. Esses momentos contribuíram para a constatação que o planejamento pode ser realizado coletivamente e, assim sendo, fortalece o trabalho coletivo e a articulação entre todos, ou maioria, que compõem a equipe escolar. Nesse sentido, é apenas no âmbito da coletividade que as ações podem alcançar grandes proporções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todos os fatores que foram mencionados até aqui, mesmo que de forma resumida, a realização do Estágio fundamentou a percepção que vínhamos construindo no decorrer do curso de Pedagogia, que é a importância do trabalho coletivo para uma maior qualificação do trabalho nas escolas. Podemos afirmar que a experiência do estágio na Coordenação Pedagógica possibilitou a construção de experiências e conhecimentos importantíssimos que agregaram de forma positiva a nossa trajetória formativa. A instituição e os indivíduos que a constituem foram muito receptivos e acolhedores, dando abertura nas discussões, o que favoreceu ainda mais um ambiente de aprendizagens sólidas.

Nesse sentido, devido a nossa aproximação com o trabalho da Coordenação Pedagógica e acompanhamento do cotidiano escolar, conseguimos identificar o potencial desses profissionais na ação para fortalecer o trabalho coletivo devido ao seu papel central e articulador na equipe profissional que atua em uma escola. Assim, defendemos os fatores que explicitamos como fundamentais para consolidar o trabalho na escola, que seriam comunicar de forma clara, atuar na resolução de conflitos de forma a ajudar na prevalência dos vínculos

gerais e facilitar o acesso ao conhecimento geral do contexto da escola de forma a possibilitar a equipe escolar uma maior participação na resolução dos problemas na instituição, assim como o planejamento pedagógico como forma de articular e consolidar o trabalho coletivo.

Embora reconheçamos que o cotidiano da escola é dinâmico e repleto de desafios, essa realidade não deve ser uma justificativa para o não enfrentamento e busca por um fazer que possibilite espaços que reforcem o trabalho do grande grupo escolar. E quando mencionamos esses espaços de participação estamos pensando desde os momentos mais simples como uma reunião ou uma roda de conversa que busque envolver o máximo possível de pessoas, com periodicidade que melhor se enquadre na realidade da escola. Sobretudo, por mais que tenhamos enxergado no Coordenador Pedagógico um sujeito com grande capacidade para o incentivo do trabalho coletivo, é fundamental o empenho dos demais sujeitos para que esse trabalho se efetive, uma vez que um concreto trabalho coletivo deve ser algo a ser conquistado verdadeiramente com o tempo e que é preciso empenho e disponibilidade dos indivíduos que fazem parte do corpo escolar. Portanto, o trabalho coletivo em uma escola é uma construção a ser realizada no dia a dia, ainda que não seja fácil, sua contribuição para a qualidade do ensino justifica as dificuldades com as quais possamos nos deparar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Myrtes. **O Trabalho Coletivo na Escola**. In: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Formação de Gestores Escolares para a Utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação. PUC-SP, 2002. p. 23-28.

CALEGARI-FALCO, Aparecida Meire; MOREIRA, Jani Alves da Silva. A gestão do trabalho pedagógico em espaços escolares e não escolares: um debate acerca da formação do pedagogo no Brasil. **Boletim Técnico do Senac**, v. 43, n. 1, p. 256-273, 2017.

CHALUH, Laura Noemi. **Do trabalho coletivo na escola: encontros na diferença**. Pro-Posições, Campinas, v. 21, n. 2 (62), p. 207-223, maio/ago. 2010.

FARIAS, I. M. S., SALES, J. O. C. B., BRAGA, M. M. S. C., & FRANÇA, M. S. L. M. **Didática e docência**: aprendendo a profissão. Brasília: Liber, 2009.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Coordenação pedagógica: uma práxis em busca de sua identidade. **Revista Múltiplas Leituras**, v. 1, n. 1, p. 117-131, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 70. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P. R. **Extensão ou comunicação?** / Tradução Rosiska Darcy de Oliveira. - 25ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FUSARI, José Cerchi. **A construção da proposta educacional e do trabalho coletivo na unidade escolar.** A autonomia e a qualidade do ensino na escola pública/Abel S. Borges... [et al.] São Paulo, FDE. Série Idéias, n. 16, p. 69-77, 1992.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas S.a., 2010.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos, Para Quê?.** 2 ed. São Paulo, Cortez, 1999.

MÓNICO, Lisete S. et al. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. **Investigação Qualitativa em Ciências Sociais**, [s. l], v. 3, p. 724-733, 2017.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. **Estudios Sobre Las Culturas Contemporáneas**, México, v. 23, n. 3, p. 161-186, 2017.

PIMENTA, Selma Garrido, 1943. O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?./ Selma Garrido Pimenta. - 10. ed. - São Paulo: Cortez, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência.** Cortez Editora, 2018.